

## TRAÇOS E ENLACES DO IMAGINÁRIO

Cláudia Mentz Martins<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3757-0800>

Ricardo Postal<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4882-627X>

Pensar no Imaginário, considerando o seu manancial teórico e crítico, e nas redes de simbolização que a humanidade tem feito uso para se representar ao longo do tempo, é um dos objetivos centrais da *Téssera*. A proposta da revista, em divulgar estudos e crítica do imaginário e suas relações com áreas de conhecimento afins, lança-se à discussão e à exploração das bordas dos processos de articulação entre metáforas, imagens, sinestésias e sentidos que a literatura e a as demais artes materializam.

Contudo, a publicação das reflexões e análises dos diferentes olhares sobre o texto literário não tenciona promover a cristalização de saberes, pois o fluxo de atuação dos imaginários se corrói e se altera a partir de cada nova leitura e apreciação crítica. Afinal, as obras literárias e/ou artísticas se ampliam em seus dizeres, e agregam possibilidades de leituras que enriquecem seus sentidos possíveis. Sob essa perspectiva, não se pode esquecer que, para Gilbert Durand (1998), o imaginário se configura a partir de um pluralismo das imagens que se organizam, em uma estrutura sistêmica, e que são continuamente heterogêneas. O imaginário não se caracteriza pela estagnação, ao contrário, está sempre em contínuo fazer-se. Sobre essa questão, Durand explicita que:

O imaginário não é uma disciplina, [...] radica no além, na realidade do *mundus imaginalis* que, como outrora afirmei paradoxalmente a propósito do símbolo, é “epifania de um mistério”, faz ver o invisível através dos

---

1 Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Membro do GT "Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais" (ANPOLL). É uma das líderes do grupo de pesquisa "Literatura, Imaginário e Poéticas da Contemporaneidade", cadastrado no CNPq. É coorganizadora dos livros *Literatura: imaginário, vozes femininas e escritas do eu*. (2019); *Práticas do ensino de literatura: do cânone ao contemporâneo*. (2017); *Outras vozes, outros olhares: imaginário, vozes femininas e escritas do eu* (2016). E-mail de contato: [claudiamartins@furg.br](mailto:claudiamartins@furg.br)

2 Professor associado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do GT "Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais" (ANPOLL). Lidera o grupo de pesquisa SUTRA - Subalternidades, Transculturalidade e Perspectivas Decoloniais, cadastrado no CNPq. E-mail de contato: [ricardo.postal@ufpe.br](mailto:ricardo.postal@ufpe.br)

significantes, das parábolas, dos mitos, dos poemas... Existe em todas as culturas que, durante muito tempo, viveram das “técnicas do invisível” [...] (DRAND, 1996, p. 243-244)

O próprio Durand (1983) também destaca que a literatura possui uma linguagem que favorece a transmissão do imaginário, pois o discurso literário propicia uma expressão indireta, a ser codificada, o que potencializa as imagens. Portanto, ao lidar com o texto literário, a tarefa do crítico do imaginário é localizar as imagens, os símbolos, os mitos e fazer notar suas interrelações, suas constelações dentro de um universo pulsante. Para melhor desenvolver essas ideias, é imprescindível trazer Gaston Bachelard (2009) à discussão, pois ele salienta as relações indissociáveis entre as imagens e a palavra – cerne do discurso literário – para constituição do indivíduo e de sua psique. Ele discorre que:

[as] imagens literárias dão esperança a um sentimento, conferem um vigor especial à nossa decisão de ser uma pessoa, infundem uma tonicidade até mesmo à nossa vida física. [...] Vitalizam-nos. Por elas a palavra, o verbo, a literatura, são promovidos à categoria de imaginação criadora. O pensamento, exprimindo-se numa imagem nova, se enriquece ao mesmo passo que enriquece a língua. O ser torna-se palavra. A palavra aparece no cimo psíquico do ser. A palavra se revela com o devir imediato do psiquismo humano, dando oportunidade para que os que lerem suas análises aprendam também a realizar suas observações atentas para o pulsar momentaneamente captável da imaginação. (BACHELARD, 2009, p.03).

Tão importante quanto abordar os aspectos teóricos do imaginário é verificar como diferentes estudiosos sistematizam as elucubrações sobre o tema. E, para isso, o presente número atemático da *Téssera* garantiu espaço para que fossem abordados os mais diversos assuntos sobre os quais os pesquisadores têm se debruçado.

No artigo de abertura, “O absurdo existencial em Horacio Quiroga: uma análise da natureza à luz do conceito de topoanálise de Gaston Bachelard”, ao se interrogar sobre a atuação do espaço na contística de Quiroga, Ayanne Larissa Almeida de Souza faz perceber de que modo a existência humana, tensionada pelo o que Albert Camus denominou de “absurdo existencial”, é ignorada e mesmo hostilizada na construção imagético-espacial do conto analisado, “A la deriva”. Ao longo de sua exposição, conforme anunciado do título, a autora utiliza-se do conceito de ‘topoanálise’ trazido por Gaston Bachelard. Com o discorrer do texto, verifica-se que o embate entre a consciência humana da inevitabilidade da morte e o entorno, que ignora tal inquietação, promove o absurdo tão bem apresentado pelo escritor uruguaio.

O cruzamento teórico que fundamenta as perspectivas e estudos sobre o imaginário segue sendo apresentado na abordagem da psicologia arquetipal de James Hillman, assunto do artigo “Imágenes míticas y oníricas: un análisis desde la psicología arquetipal”, de José Francisco da Silva Filho. Ao longo do texto, é apresentado um panorama do pensamento de Freud e de Jung sobre imagens oníricas, suas relações com os mitos e o prosseguimento dessa perspectiva para se abordar as relações com o mundo imaginal. O estudo da dramatização, ou da narrativização dessas imagens dos sonhos, ganha relevância para compreender os percursos humanos de representação. Com a proposta de desenvolver as questões referentes à mitopoética, o autor se vale ainda dos estudos de Mircea Eliade, Ernst Cassirer e Gaston Bachelard que fazem a abordagem desse tópico sob um prisma mítico-simbólico.

As relações instauradoras dos imaginários convergentes seguem sendo explanadas no texto “Os Infernos na ‘Divina Comédia’ e nos afrescos da capela Scrovegni: contatos entre Dante Alighieri e Giotto di Bondone no século XIV”, de Thatiane Piazza de Melo. Aqui, a circulação no âmbito das imagens medievais sobre o castigo aos usurários gera, numa conversa tomada como provável de ter acontecido entre Dante e Giotto, um conjunto de afrescos na capela Scrovegni. A autora aproxima as figurações infernais do Juízo Final da capela ao que se lê na *Divina Comédia*. O imaginário da época, portanto, agencia modos de figuração similares em artistas que estavam num mesmo espaço no mesmo período, e o que o artigo ressalta, portanto, é um procedimento de mitanálise nos moldes de Gilbert Durand, que se propõe a “identificar os grandes mitos diretores dos momentos históricos e dos tipos de grupos e de relações sociais. [...] já que frequentemente as instâncias míticas estão latentes e difusas numa sociedade.” (Durand, 1979, p. 313).

Geam-Karlo Gomes visita a vigorosa tradição nordestina da literatura de cordel para investigar a figura história de Antonio Conselheiro sob a perspectiva da psicologia analítica. Em “O imaginário no cordel *Antonio Conselheiro: o profeta do sertão*”, o autor faz uma breve consideração sobre a literatura de cordel para chegar à noção de imaginário como uma produção simbólica “complexa” e “movediça” em que as percepções subjetivas e do universo coletivo se entrelaçam para configurar a poética cordeliana como matriz do imaginário. Após conceituar arquétipo e mito, Geam Karlo-Gomes identifica os arquétipos da Criança Divina, do Velho Sábio e do Salvador na constituição do mito do herói Antonio Conselheiro na obra citada.

Ana Maria Lisboa de Mello fecha este número com um delicado estudo comparativo das Tapeçarias de Cluny com a poesia da poeta portuguesa Maria Tereza Horta. O artigo “‘O que faço da minha eternidade’? - O imaginário medieval em A dama e o unicórnio, de Maria Teresa Horta” recupera o percurso histórico das tapeçarias medievais "La Dame à la Licorne", sua transposição de Boussac para o Museu Cluny – Museu Nacional da Idade Média, em Paris, bem como os primeiros estudos e referências literárias a essa arte que tem fascinado admiradores e suscitado muitas interpretações ao longo do tempo. Partindo de uma análise intrínseca dos poemas de Horta, Ana Lisboa alcança uma leitura simbólica do “chifre” como portador de sentido sexual e espiritual e observa a analogia entre a tecedura do tapete e a tessitura literária. Além de resgatarem a união corporal e espiritual e o sentido religioso, Ana Lisboa realça, ainda, que os poemas de Horta despertam a condição feminina, “a memória subjugada das mulheres”. Elementos assim tão ricamente explanados garantem a eternidade das tapeçarias do Museu Cluny e da poesia de Maria Tereza Horta.

Como é possível perceber pelos artigos que compõem este número, a *Téssera* dá seguimento a sua proposta de ser um espaço comprometido com as investigações do imaginário, sobretudo, em obras literárias, constituindo-se como referência às pessoas que se dedicam ao assunto.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DURAND, Gilbert. *Figures mythiques et visages de l'œuvre*. Paris: Berg International, 1979.

DURAND, Gilbert. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. [Lisboa]: A regra do jogo, 1983.

DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Tradução de Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.